

VIGÉSIMO QUINTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: MARCOS 13.1-13

O ano litúrgico está chegando ao fim, sendo que as leituras bíblicas deste Domingo nos remetem a assuntos que dizem respeito às últimas coisas, os tempos do fim.

1. Leituras do dia

Salmo 16 – O rei Davi, nas palavras deste salmo, reafirma sua confiança no cuidado constante de Deus. Mesmo nos tempos do fim, quando os filhos de Deus terão de enfrentar grande oposição, perseguição e sofrimento, temos a garantia de que o SENHOR estará sempre conosco, à nossa direita (v. 8), como um pai que com carinho pega seu filho pela mão e o conduz em segurança. Por isso, nosso coração pode estar feliz e alegre (v. 9), pois o SENHOR nos conduzirá pelo caminho que leva à vida (v. 11). Davi declara sua esperança e alegria nas coisas que vão além da sepultura, após as lutas neste mundo.

Daniel 12.1-3 – Tempos de conflito e angústia farão parte da vida dos filhos de Deus, especialmente nos últimos dias. Mas nada disso será enfrentado sozinho pelos crentes. O anjo Miguel será enviado para cuidar e proteger o povo de Deus.

A esperança da ressurreição é apresentada de maneira clara e vívida nas palavras deste texto bíblico do Antigo Testamento. Os que tiverem seus nomes inscritos no Livro da Vida serão ressuscitados para a vida eterna, os outros para a vergonha e o horror eterno. Por fim, o profeta faz menção a glória que em graça será concedida por Deus àqueles que ensinaram outros a viver nos caminhos do SENHOR.

Hebreus 10.11-25 – O autor da carta aos Hebreus nos lembra por qual motivo somos libertados do pecado e podemos carregar em nosso coração a esperança da vida eterna. Não por causa de nossos sacrifícios, mas por causa do Sacrifício de Cristo.

Durante toda a história de Israel, o véu havia separado até mesmo os sacerdotes da santidade plena de Deus simbolizada pelo lugar Santo dos Santos. Mas agora, em Jesus, os crentes tem acesso completo e perfeito à presença de Deus. Por meio de Jesus, o grande sumo sacerdote que nos purificou de nossas culpas, podemos nos aproximar de Deus com confiança, visto que Ele quer estabelecer conosco um relacionamento próximo e pessoal.

Esta nova vida que temos em Cristo não somente nos une a Deus, mas também nos estimula e viver em amor para com o próximo. Dessa forma, através de admoestações e encorajamento mútuo com os irmãos, poderemos permanecer firmes na fé até o dia do fim.

2. Marcos 13.1-13 e o seu contexto

O Evangelho de Marcos foi escrito aos cristãos romanos provavelmente em meados dos anos 60 d.C. Ou seja, os fiéis já tinham diante de si a sombria perspectiva de martírio com a perseguição que Nero lhes impôs a partir de 64 d.C por causa de sua fé. Além disso, poucos anos mais tarde – 70 d.C. – o Templo de Jerusalém bem como toda a cidade seriam reduzidos a ruínas, quando as tropas sob o comando de Tito esmagaram a revolta judaica contra o domínio romano.

O gênero literário de nosso texto bíblico é profético apocalíptico. Nele, Jesus faz uso do recurso da tipologia, apresentando os futuros acontecimentos da guerra judaica numa perspectiva escatológica. Portanto, para uma melhor compreensão do texto, é de grande importância que o leitor mantenha em mente essa relação tipológica entre a queda de Jerusalém e o fim dos tempos. Muitas vezes Jesus fala de Jerusalém (tipo) e de sua destruição, porém, por trás desse existe um evento maior, o fim dos tempos (antítipo). Assim, o cumprimento desses versículos é tanto passado, presente e futuro.

3. O texto

Jesus e seus discípulos estão deixando o templo. Deslumbrado, um de seus discípulos cujo nome não consta em nenhum dos evangelhos, se maravilha pela imponência e beleza daquela construção. Estudos apontam que, de fato, o templo possuía grande beleza e imponência. Algumas das pedras utilizadas na construção tinham 11 metros de comprimento, 5 metros de largura e 4 metros de espessura, chegando a pesar mais de cem toneladas. Além disso, grande quantidade de alabastro, mármore e ouro foram empregados no acabamento pomposo do templo, que era motivo de grande orgulho para os judeus.

Porém, Jesus não se deixou impressionar com a beleza de tal construção. O templo havia se tornado um esconderijo de ladrões e hipócritas. Muitos comerciantes apenas se

dirigiam para lá com o objetivo de comercializar seus produtos, em busca de lucros, e não para adorar o nome de Deus (Mc 11.15-19). Infelizmente, muitos judeus valorizavam mais o templo do que o próprio Deus.

Nesse momento, usando duras palavras, Jesus profetiza a destruição do templo, dizendo: “Certamente não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada”. Realmente, no ano 70 d.C. tal profecia se concretizaria. Por causa da revolta dos judeus contra Roma, não apenas o templo seria destruído, mas também toda a cidade de Jerusalém.

Dum parágrafo para o outro, o leitor é transportado do templo para o Monte das Oliveiras. De lá, tinha-se livre visão do monte do templo do outro lado do vale de Cedrom. Os discípulos, não podendo compreender as palavras que Jesus proferira por ocasião da saída do templo, buscam junto a ele resposta para suas dúvidas. Sua pergunta é: “Dize-nos quando estas coisas serão, e qual o sinal quando todas estas coisas vierem a se cumprir?” (v. 4).

Algo importante pode ser notado aqui. Os discípulos não estão, ao menos explicitamente, relacionando a queda de Jerusalém com o fim dos tempos. Eles pedem quando, e qual sinal haverá quando o templo estiver para cair. Em sua resposta, Jesus estabelece conexão entre a destruição do templo e a consumação escatológica.

Na primeira parte da resposta de Jesus, Ele adverte os crentes para que se mantenham vigilantes. Aparecerão muitos impostores que reivindicarão ser o Messias. Eles tentarão enganar os próprios crentes, que serão seu alvo principal (v. 22), e infelizmente, muitas vezes obterão sucesso.

Na época da guerra judaica ergueram-se em meio ao povo muitos recrutadores rebeldes, líderes libertadores que se apresentavam como “messias”. Tais libertadores, ou líderes, garantiam a intervenção divina em favor da nação de Israel, muito embora o que os impulsionava era a ambição pessoal e o lucro material. Foi o fanatismo nacionalista de tais impostores que levou os judeus à dupla catástrofe de 70 e de 135 d.C.

Possivelmente muitos desses recrutadores buscavam apoio em meio aos cristãos. Estimulavam estes para que também participassem da guerra, pois finalmente havia chegado o dia da última batalha, em que Deus vingaria a Israel, lhe devolveria a liberdade e reconstituiria o seu poder e glória diante das nações.

Contra o convite dos rebeldes a pegar em armas, o crente é instruído no sentido de não se alarmar, não se perturbar. Usa-se aqui o termo *mh qroisqe* (não vos perturbeis), palavra rara que significa “evitar ação precipitada”.

Seguindo o discurso, Jesus fala sobre terremotos e fome. Porém, esses sinais são apenas o início das coisas que devem acontecer antes do fim, assim como as primeiras dores do parto apontam para um evento maior que acontecerá.

Dos versículos 9 ao 13 são citados sofrimentos que recairão especificamente sobre os seguidores de Jesus. Os tribunais de que se fala aqui seriam apenas tribunais locais, situados junto às sinagogas e presididos pelos chefes das comunidades. Estes tinham o poder de decidir em questões religiosas e infligir, no máximo, a pena de flagelação. Lá os cristãos seriam condenados como judeus apóstatas e açoitados.

Porém, ao dizer que os cristãos serão levados perante os governadores, que governavam as províncias imperiais e senatoriais, e reis, que eram vassalos de Roma, vemos que os cristãos seriam perseguidos em todas as instâncias possíveis da jurisdição legal na Palestina, e não estariam sujeitos apenas a açoites, mas à própria morte. Porém, através da firmeza da fé em Cristo, esses sofrimentos serviriam de testemunho para convencer os juízes e os chamar à conversão (v. 9).

No versículo 10 os horizontes se ampliam. Não é apenas perante as autoridades que o Evangelho deve ser testemunhado, mas este precisa ser proclamado a todas as nações antes de vir o fim. O trabalho que começou na Galiléia com o ministério pessoal de Jesus deveria ser levado adiante pelo ministério apostólico aos confins do mundo. A revelação deste fato só poderia ser estimulante aos primeiros pregadores do Evangelho, pois eles haviam sido escolhidos para serem cooperadores de Jesus. Além disso, de certa forma, eles sentiam que estava em seu poder acelerar a vinda do Senhor através da expansão do Reino (2 Pedro 3.12).

De profundo consolo foi a garantia que Jesus deu aos seus discípulos: eles não estariam sós nessa missão de evangelizar o mundo e testemunhar a fé, mas o Espírito Santo os acompanharia e dirigiria, colocando em sua boca as palavras certas a serem ditas.

Por fim, Jesus alerta os crentes sobre o fato de que, em meio às perseguições e guerras, ocorrerão grandes divisões entre parentes e irmãos na fé que não conseguirão se manter firmes, mas acabarão por trair os seus, os entregando à morte. O ódio e a hostilidade contra Cristo refletirão também sobre a vida de seus seguidores. Porém, Jesus os encoraja a que fiquem firmes até o fim, pois quem for paciente, suportar fielmente perseguições, martírio e até a morte, receberá a salvação.

4. Sugestão Homilética

Nos dias atuais, nos deparamos a todo o momento com sinais na natureza, nos relacionamentos entre as pessoas e nos relacionamentos entre as pessoas e Deus, os quais evidenciam que o fim dos tempos está a caminho. Porém, isso não significa que é possível ao homem calcular o tempo exato da segunda de Cristo. Quanto a esse dia, apenas Deus sabe quando será (Mc 13.32).

Por quais motivos, então, Jesus revelou quais seriam os sinais do fim? Podemos destacar dois grandes motivos:

1º - Para que nos mantenhamos alertas e perseverantes. Cristo está unicamente preocupado com o nosso bem. Ele sabe que somos fracos e quão facilmente somos iludidos por aqueles que não o temem. Por isso, Ele nos avisa claramente sobre o que deve ser enfrentado, e como o inimigo se camufla para nos levar a cair em desgraça.

2º - Cada vez que observamos um dos sinais do fim, somos lembrados de que Jesus não se esqueceu da promessa de um dia retornar e levar para junto de Si todos os que nele creram. Portanto, enquanto que para os descrentes os sinais do fim representam duro juízo, para os filhos de Deus ele serve de grande consolo.

Em Jesus, os terríveis sinais do fim passam a ter um novo significado. Cada vez que os observamos, nosso coração não precisa ser tomado de medo ou pavor, mas de alegria, pois Jesus não esqueceu de sua promessa amorosa de nos dar um Lar Eterno. Ele está a caminho e em breve estaremos junto dele.

Rev. Ederson André Vorpapel